

## **O MUNDO DO TEXTO: Aporia Explicar-Compreender nos passos da fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur**

### **THE WORLD OF TEXT: Aporian Explaining-Understanding in the steps of Paul Ricoeur's hermeneutic phenomenology**

Antônio Aurélio Oliveira Costa\*

#### **RESUMO**

No texto propõe-se analisar aspectos da obra de Paul Ricoeur em sua inserção no chamado círculo hermenêutico, especialmente, pela questão dos símbolos, da finitude e culpabilidade, entre outros princípios filosóficos e éticos. Em suas obras evidenciam-se temas como a plurivocidade dos símbolos e suas possibilidades interpretativas em bases de conflito, sempre de perspectiva ontológica e crítica em face à psicanálise, linguística e semiologia, realçando a profundidade dialógica de seu pensamento.

Palavras-chave: Paul Ricoeur. Círculo hermenêutico. Conflitos. Fenomenologia. Símbolos.

#### **ABSTRACT**

The article aims to analyze aspects of Paul Ricoeur's work in its insertion in the so-called hermeneutic circle, especially due to the issue of symbols, finitude and culpability, among other philosophical and ethical principles. In his works, themes such as the plurivocality of symbols and their conflicting interpretive possibility are evident, always from an ontological and critical perspective in connection with psychoanalysis, linguistics and semiology, highlighting the dialogical depth of his thought.

Keywords: Paul Ricoeur. Hermeneutic circle. Conflicts. Phenomenology. Symbols.

## **1 INTRODUÇÃO**

O objetivo neste artigo é proceder-se a uma reflexão ética baseada principalmente na obra “Du texte à l’action Essais d’hermeneutique, II” de Paul Ricoeur(1986). Essa obra teve uma tradução portuguesa pela RÉS-Editora da cidade de Porto. Reúne os principais artigos do autor publicados nos anos setenta e oitenta do século XX. O círculo hermenêutico ricoeuriano foi inicialmente centrado na elucidação dos símbolos, da finitude e culpabilidade, do voluntário e involuntário, e dos mitos, como em *Philosophie de la volonté I e II* (1950, 1960). Em “Le conflit des Interpretations” (1969) o próprio Ricoeur afirma seu propósito que chama de “la greffe du problème herméneutique sur la méthode phénoménologique”. (1969, p.7)<sup>1</sup>

Nessas obras, o autor propõe a tarefa de exercer uma rigorosa teoria filosófica da interpretação em face à variedade de métodos nas ciências humanas. O círculo hermenêutico - então desenvolvido - permite conciliar interpretações em conflito e admite a plurivocidade dos símbolos. Este círculo prevê um longo desvio. Inicia-se na pré-compreensão, passa pelo

---

Artigo submetido em 15 de maio de 2021 e aprovado em 14 de setembro de 2021.

\* Professor Doutor em Filosofia pela *Universidad Complutense de Madrid*. Professor da FaE. UEMG. E-mail: [antonioaurelio.ocosta@gmail.com](mailto:antonioaurelio.ocosta@gmail.com).

<sup>1</sup> Tradução: O enxerto do problema hermenêutico no método fenomenológico

distanciamento, recorre à linguística, semiologia, psicanálise e retorna à existência numa perspectiva ontológica, ética e crítica. Resulta disso que a pertença ao mundo seja sempre mediatizada. O ser humano está enraizado na cultura, na tradição e sua realidade é constituída simbolicamente entre o sujeito e o mundo, entre o si e o si mesmo como outro, decorrendo daí maior ou menor profundidade interpretativa de sua existência.

## 2 O APELO AOS SÍMBOLOS

Nesse sentido, em “Le conflit des interpretations” Ricoeur amplia o conceito de símbolo quando diz:

j'appelle symbole toute structure de signification où un sens direct, primaire, littéral, designe par surcroît un autre sens indirect, secondaire, figuré, qui ne peut être appréhendé qu'à travers le premier. Cette circonscription des expressions à double sens constitue proprement le champ herméneutique. (RICOEUR, 1969, p. 16)<sup>2</sup>

Há um elemento comum e central em toda hermenêutica, o desvelamento do claro-escuro, das expressões de múltiplos sentidos, da opacidade existencial, em parte expressas na poética das metáforas. A hermenêutica fornece critérios para uma grelha de leitura do mundo do texto enquanto facilita o distanciamento e a aproximação, o afloramento do imaginário social e o desabrochar das significações contraditórias da ação e do tempo humano.

No volume “Du texte à l'action” Ricoeur estuda a vinculação entre explicar e compreender procurando superar a dicotomia presente nessa expressão. Indo além analisa o texto como fixação do acontecimento de linguagem – o discurso. Este projeta-se para múltiplas compreensões da subjetividade em seu ser-no-mundo, pois, segundo Ricoeur, *se comprendre, c'est se comprendre devant le texte et recevoir de lui les conditions d'un soi autre que le moi qui vient à la lecture. Aucune des deux subjectivités, ni celle de l'auteur, ni celle du lecteur, n'est donc première au sens d'une présence originnaire de soi à soi-même.* (RICOEUR, 1986 p. 31).<sup>3</sup> Tanto as narrativas de ficção como as historiográficas e as ligações da imaginação com a questão do tempo são também analisadas.

Isto posto passa-se a uma análise de seções do livro mencionado. Em seu ensaio *Qu'est-ce qu'un texte?* Ricoeur examina a oposição representada pelos conceitos explicar e interpretar a luz dos conflitos das escolas contemporâneas, tendo em conta que a noção de explicação se deslocou tornando-se mais vinculada a modelos linguísticos. Por seu turno, a noção de interpretação sofreu grandes transformações que a distanciaram do sentido originalmente proposto por Dilthey, com uma conotação psicológica muito forte. Entretanto, antes de aprofundar nessa discussão é preciso que se responda a uma questão preliminar: “O que é um texto?” Se se define texto como todo discurso fixado pela escrita, tal característica se torna constitutiva do texto em si mesmo. Decorre disso que se possa perguntar se o discurso é pronunciado fisicamente ou mentalmente, se toda escrita foi, ao menos em potencial, uma fala e, por fim, qual é a relação do texto com a fala?

A escrita apenas acresce ao fenômeno da fala a fixação que permite conservá-la, seja em forma de grafia ou de gravação. Voltando efetivamente à definição de texto como um discurso fixado pela escrita, aquilo que está fixado pela escrita é algo que poderia ter sido dito,

<sup>2</sup> Tradução: Chamo símbolo a toda a estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa por acréscimo um outro sentido indireto, secundário, figurado, que apenas pode ser apreendido através do primeiro. Esta circunscrição das expressões com sentido duplo constitui precisamente o campo hermenêutico.

<sup>3</sup> Tradução: Compreender-se é compreender-se diante do texto e receber dele as condições de um si diferente do eu que brota do texto. Nenhuma das duas subjetividades, nem a do autor nem a do leitor, é, pois, primeira no sentido de uma presença originária de si para si mesmo.

mas que se escreve justamente porque não se diz. A fixação pela escrita toma o lugar da fala, isto é, do lugar mesmo de onde a fala poderia ter nascido.

A função da leitura em relação com a escrita permite introduzir o conceito de interpretação. Inicialmente pode-se dizer que o leitor mantém o lugar de interlocutor, do mesmo modo como a escrita mantém o lugar da locução e do locutor. Entretanto, a relação entre escrever e ler não é uma relação de interlocução, nem tão pouco um caso de diálogo. Não é suficiente pensar que a leitura seja um diálogo com o autor, através de sua obra, pois não é possível haver um intercâmbio entre o escritor e o leitor. Este último está ausente do ato de escrever, assim como o escritor está ausente do ato de ler. Deste modo, há uma dupla ocultação do leitor e do escritor. O ato de nascimento do texto é a liberação da escrita que a põe no lugar da fala.

Por outro lado, pode-se dizer que o discurso chega à escrita como intenção de dizer algo e é transformado por esta em um arquivo disponível para a memória individual e coletiva. Ricoeur faz também mais uma distinção entre o discurso (fala) e sua forma gravada como escrita. Trata-se da relação de referência que é estabelecida entre o discurso (fala) e o contexto dos interlocutores. Muitas vezes, na fala viva o sentido ideal se redobra sobre a referência real e pode mesmo confundir-se com um gesto. Quanto ao texto, há uma mudança profunda, dado que o texto recria as referências através da leitura e da interpretação. Pode-se dizer que há um quase-mundo dos textos e o imaginário se torna presente no lugar mesmo onde o mundo era apresentado pela fala viva.

Há que se renovar os termos em que se apresenta a antinomia excludente explicação ou interpretação e colocá-la de uma maneira mais complementar e menos antinômica. Ricoeur parte da oposição entre explicar y compreender porque esta é a tese inicial de Dilthey. Desta tese inicial Ricoeur passa a examinar as relações de oposição e complementariedade entre explicação e interpretação. Esta última é posta como uma província particular da compreensão.

Conforme Dilthey, a explicação pertence ao domínio das ciências da natureza e a compreensão a esfera das ciências do espírito, onde predominam os procesos psíquicos. Cabe perguntar se essa consciência científica dos indivíduos é possível do mesmo modo que um certo grau de objetividade e uma validade universal. A resposta é que os testemunhos humanos fixados pela escrita são signos do psiquismo alheio que podem ser interpretados como a arte de compreender aplicada a eles. Em conclusão,

dans ce couple comprendre - interpréter, la compréhension fournit le fondement, à savoir la connaissance par signes du psychisme étranger, l'interprétation apporte le degré d'objectivation, grâce à la fixation et la conservation que l'écriture confère aux signes. (RICOEUR, 1986, p. 143)<sup>4</sup>

De início esta distinção pode parecer clara, mas começa obscurecer quando se dá conta da fragmentação da hermenêutica entre sua tendência psicológica e sua busca de uma lógica da interpretação, pondo em questão a relação entre compreensão e interpretação. Para chegar a um novo conceito de interpretação, Ricoeur mostra que é necessário superar a conotação psicológica do conceito de interpretação originário de Dilthey, recolocando a análise do texto reconhecendo-lhe um estatuto autônomo com relação à fala, e ao ao intercâmbio de falas.

A leitura é a dialética de duas atitudes: tratar o texto como sem mundo e sem autor, explicando-o por suas relações internas e por sua estrutura ou então se pode levantar a suspensão do texto, restituindo-o a comunicação viva. Na primeira hipótese, se pode prolongar a *suspensão* do texto, considerando-o como um *não-lugar*, o leitor pode se por dentro do texto

---

<sup>4</sup>Tradução: Neste par compreender-interpretar, a compreensão fornece o fundamento, a saber, o conhecimento por signos do psiquismo alheio, a interpretação fornece o grau de objetividade, graças à fixação e à conservação que a escrita confere aos signos.

e dessa forma, explica-lo por suas relações internas e sua estrutura. Neste caso, ao contrário do que pensava Dilthey, este comportamento explicativo é retirado da própria linguagem. Este modelo explicativo, chamado de estrutural, não esgota o campo das atitudes possíveis em face a um texto e além do mais tem sua fecundidade. A especificidade da escrita em relação à fala efetiva repousa sobre traços estruturais *susceptibles d'être traités comme des analogues de la langue dans le discours*.<sup>5</sup> (RICOEUR, 1986, p.147)

Neste modelo de análise se busca demonstrar a estrutura de ações encadeadas em uma hierarquia correlativa a determinados “*actants*” (protagonistas). Procura-se descobrir o entremado de núcleos de ação que, juntos, constituem a continuidade estrutural da narração. Os personagens não são vistos como sujeitos psicológicos, com uma existência própria, mas sim como funções correlativas às próprias ações formalizadas e os interlocutores não podem ser buscados fora do texto, pois estão envolvidos e pertencem à estrutura da narração. Explicar uma narração é, conforme Ricoeur, “*saisir cet enchevêtrement, cette structure fuguee des procès d'actions emboîtées*.”<sup>6</sup> (Ricoeur, 1986, p.150)

Concluindo esta reflexão, pode-se dizer que neste modelo de análise estrutural há uma transposição de um modelo linguístico para a teoria da narração e isto significa que hoje em dia o conceito de explicação não provém mais das ciências da natureza, mas sim da esfera mesma da linguagem.

### 3 LER O TEXTO

Como uma segunda hipótese há uma outra maneira de ler que levanta a suspensão e toma o texto como fala atual. Nessa via, ler é encadear um discurso novo ao discurso do texto, o que demonstra uma capacidade original de ser retomado, além de seu caráter aberto. Inicialmente, o conceito de interpretação é a conclusão concreta desse encadenamento e guarda ainda uma proximidade com o sentido de oposição excludente originário de Dilthey, a despeito de agora proceder da lingüística e não mais das ciências da natureza.

Segundo esse primeiro sentido, há que se observar o seguinte. Primeiramente, o sentido de apropriação aí presente significa que a interpretação de um texto se consuma na interpretação de si mesmo por um sujeito que a partir daí se compreende melhor. Em segundo lugar, dentro da hermenêutica proposta por Ricoeur, a compreensão de si mesmo passa pela “via longa” da compreensão dos signos da cultura nos quais o si mesmo se documenta e se forma. Em terceiro lugar, a compreensão do texto não é um fim em si mesmo mas ao contrário, de maneira mediata, consoma a relação consigo mesmo de um sujeito que não encontra na imediatez de sua reflexão o sentido de sua própria vida. Por fim, em quarto lugar, a reflexão necessita da mediação dos signos e das obras, do mesmo modo que é imprescindível para a explicação, que ela se incorpore como intermediária no processo de compreensão do si mesmo, dado que na reflexão hermenêutica a constituição do si mesmo e a do sentido são sincrônicas.

Para completar esse primeiro sentido, deve-se observar que a hermenêutica busca romper a distancia cultural, isto é, o distanciamento do próprio sentido e dos valores sobre os quais se estabelece o texto. Assim, a interpretação se aproxima e torna semelhante o que torna próprio aquilo que de principio era alheio. Entretanto, o texto tinha só um sentido e uma estrutura. Agora tem uma significação e uma efetuação no discurso próprio do sujeito leitor. Além de uma dimensão apenas semiológica assume agora, por sua significação, uma dimensão semântica. Entretanto, esse conceito de interpretação permanece ainda exterior a explicação, no sentido da análise estrutural e assim continua a mesma oposição antinômica do início.

<sup>5</sup>Tradução: suscetíveis de serem tratados como a língua no discurso.

<sup>6</sup>Tradução: Explicar uma narrativa é apreender este enredo, esta estrutura fugaz dos processos de ações encaixadas.

Para fazer aparecer a articulação que torna complementares a hermenêutica e a análise estrutural tem-se de superar a dita oposição antinômica. Para isso, é necessário passar de uma interpretação ingênua e de superfície para outra, crítica e com profundidade, situando a explicação e a interpretação em um mesmo *arco hermenêutico* de maneira a integrar as atitudes opostas de explicação e compreensão numa *conception globale de la lecture comme reprise du sens*.<sup>7</sup> Ricoeur acrescenta:

(...)je dirai alors ceci : expliquer, c'est dégager la structure, c'est-à-dire les relations internes de dépendance qui constituent la statique du texte; interpréter, c'est prendre le chemin de pensée ouvert par le texte, se mettre en route vers l'orient du texte. Nous sommes invités par cette remarque à corriger notre concept initial d'interprétation et à chercher, en deçà de l'opération subjective de l'interprétation comme acte sur le texte, une opération objective de l'interprétation qui serait l'acte du texte<sup>8</sup>. (RICOEUR 1986, p.155\_156)

Ricoeur sintetiza seu novo conceito de interpretação baseado principalmente em Aristóteles, de quem toma a ideia de que a interpretação é já feita em uma primeira linguagem, com a mediação dos signos com relação às coisas; e também em Peirce, onde a relação de um signo com um objeto é tal que permite o enxerto de outra relação, isto é, a de interpretante para signo. Adverte, concluindo, que esta relação é aberta no sentido de que pode sempre ter um novo interpretante, *susceptible de médiatiser le premier rapport*.<sup>9</sup> (RICOEUR, 1986, p.157). Por conseguinte, Ricoeur retira o máximo possível a conotação psicológica de seu conceito de interpretação e reafirma que a leitura é o ato concreto onde se consuma o destino do texto, do mesmo modo que é onde se opõem e se conciliam a explicação e a interpretação.

Em “*Expliquer et comprendre*” Ricoeur (1986, p.161) começa pondo em questão a dicotomia representada por esses dois termos, na medida em que se lhes atribuem dois campos epistemológicos opostos, considerados como irredutíveis porque se referem a duas modalidades distintas de ser. Pode-se estabelecer hoje em dia uma homologia entre as problemáticas do texto, da ação e da história, pois, aporias comparáveis em cada uma delas conduziram a questionar o dualismo metodológico e a substituí-lo por uma dialética fina. Desta forma se poderá entender os dois polos desse dualismo não como exclusão, mas sim como momentos integrantes do complexo processo de interpretação.

Deve-se assinalar que essa solução implica duas dimensões, uma epistemológica e outra ontológica. A primeira sugere que devido a uma relação de implicação mútua entre os métodos se pode encontrar tanto uma continuidade como uma descontinuidade entre ciências da natureza e ciências humanas. A segunda, por sua vez, sugere que não é possível fazer corresponder um dualismo ôntico a um dualismo metodológico dado que ambas, explicação e compreensão são inseparáveis no plano epistemológico.

Em sua investigação Ricoeur começa pela teoria do texto porque ela se mantém no caminho do problema dos signos, que preocupou Dilthey em sua formulação da teoria do compreender. Entretanto, é preciso não limitar o debate ao plano semiológico e ampliá-lo para a dimensão de uma antropologia filosófica e para isso concentrar-se na dimensão narrativa do discurso.

---

<sup>7</sup>Tradução: concepção global da leitura como retomada do sentido.

<sup>8</sup>Tradução: direi, então, isto: explicar é destacar a estrutura, quer dizer, as relações internas de dependência que constituem a estática do texto; interpretar é tomar o caminho de pensamento aberto pelo texto, por-se em marcha para o oriente do texto. Somos convidados por esta observação a corrigir o nosso conceito inicial de interpretação e a procurar, para cá da operação subjetiva da interpretação como ato sobre o texto, uma operação objetiva da interpretação que seria o ato do texto.

<sup>9</sup>Tradução: suscetível de mediatizar a primeira relação.

Em primeiro lugar se examina uma posição puramente dicotômica do problema: consiste em dizer que não há relação entre uma análise estrutural do texto e uma compreensão que permanecesse fiel à tradição hermenêutica. Para os partidários de uma explicação sem compreensão o texto seria uma máquina com funcionamento puramente interno contra a qual não se poderia por nenhum interrogante de caráter psicológico, como, por exemplo, da densidade do texto, do sentido de uma mensagem ou mesmo dos códigos postos em ação pelo texto. Para os partidários da hermenêutica romântica a análise estrutural procederia de uma objetivação alheia à mensagem do texto, ele próprio inseparável da intenção de seu autor. Assim Ricoeur conclui:

d'une part, au nom de l'objectivité du texte, tout rapport subjectif et intersubjectif serait éliminé par l'explication; d'autre part, au nom de la subjectivité de l'appropriation du message, toute analyse objectivante serait déclarée étrangère à la compréhension.<sup>10</sup> (RICOEUR, 1986, p. 165)

Em segundo lugar, se faz um percurso desde a compreensão até a explicação e vice versa. No primeiro passo, se reflete sobre a autonomia semântica do discurso e a distância que existe entre o dizer e o dito. A literatura explora essa distância o que não é mesmo na compreensão dialogada. Assim leitura é regulada por códigos e marcas materiais que tornam possível, além de necessária, a mediação da compreensão pela explicação.

O segundo passo é o trajeto inverso. A atividade de análise é o *segment sur un arc interprétatif qui va de la compréhension naïve à la compréhension savante à travers l'explication*.<sup>11</sup> (RICOEUR, 1986, p. 167) A narração pertence a uma cadeia de falas que constitui uma comunidade cultural e pela qual se interpreta a si mesma por via narrativa, mas isso não pode significar que a compreensão seja tomada como compreensão dos demais, como se tratasse primeiramente de apreender uma vida psicológica alheia por trás do texto. Entretanto, trata-se de compreender aquilo de que se falou, isto é, a “*chose du texte*”, o tipo de mundo que a obra revela pelo texto.

#### 4 CAUSA E MOTIVAÇÃO

Uma análise dos códigos narrativos se completa na função mimética pela qual a narração refaz o mundo humano da ação. Contudo, não há choque entre uma análise objetivada das estruturas e a apropriação do sentido por sujeitos. Entre as duas vertentes, diz Ricoeur, se desenvolve o mundo do texto, o significado da obra, vale dizer,

dans le cas du texte-récit, le monde des trajets possibles de l' action réelle. Si le sujet est appelé à se comprendre devant le texte, c'est dans la mesure où celui-ci n'est pas fermé sur lui-même, mais ouvert sur le monde qu' il redécrit et refait.<sup>12</sup> (RICOEUR, 1986, p. 168)

Durante os anos 50 e 60 se produziu em língua inglesa a mesma discussão que houve cinquenta anos antes em língua alemã sobre a dicotomia explicar e compreender. Isto pode ter sido em grande parte devido ao uso da palavra causa, considerando que predominou o sentido

<sup>10</sup>Tradução: de um lado, em nome da objetividade do texto, toda relação subjetiva e intersubjetiva seria eliminada pela explicação; por outro lado, em nome da subjetividade da apropriação da mensagem toda análise objetivante seria declarada estranha à compreensão.

<sup>11</sup> Tradução: segmento num arco interpretativo que vai desde a compreensão ingênua até a compreensão sábia através da explicação.

<sup>12</sup>Tradução: No caso do texto-narração o mundo dos trajetos possíveis da ação real. Se o sujeito é chamado a se compreender em face do texto, é na medida em que este não é fechado sobre si mesmo, mas aberto para o mundo que ele redescreve e refaz.

a ela atribuído por Hume. Para este a relação de causa e efeito implica que ambos os termos possam ser tomados e identificados em separado. Entretanto, agora é outra a relação entre intenção e ação ou entre motivo e projeto. Há um laço lógico e uma implicação entre ambos: não se pode enunciar os motivos de uma ação sem enlaçar esses motivos com a ação de que são motivo-causa. Conforme Ricoeur, (1968, p. 168) estes jogos de linguagem foram destacados por E. Anscombe nos usos das duas expressões inglesas *why ebecause of*. O primeiro caso se situa no domínio da causa, o segundo no da motivação.

Sem dúvida essas oposições representam um dualismo ao mesmo tempo semântico e epistemológico uma vez que o ser humano, num sentido antropológico mais amplo e corpo, além de um ser capaz de refletir e justificar suas ações e pertence às duas categorias, isto é, ao regime da causalidade e ao da motivação. Acrescente-se que a solução mais própria para o falso dilema explicar-compreender seja dada a partir de uma relação dialética, que envolve uma imbricação entre a intervenção no curso das coisas e o sentido da ação humana, ao mesmo tempo motivo e causa.

Há uma convergência entre a teoria do texto e a teoria da ação. A ação humana é um “quase-texto,” uma vez que se exterioriza de uma maneira semelhante à fixação do texto pela escrita e adquire também uma autonomia própria. Sua significação se arranca das condições iniciais de sua produção e se inscreve como um arquivo na história, como uma obra aberta que se dirige a múltiplos intérpretes posteriores. Ricoeur evoca na Poética de Aristóteles, a ideia de *muthos*-composição da intriga-e a *mimesis*, imitação criativa e poética da ação humana. Esses temas encontram eco na obra *Temps et Récit* e outros escritos de Paul Ricoeur.

Outro campo que merece ser referido é o campo da teoria da história. Neste, como na teoria do texto e na da ação, as implicações recíprocas são incontestáveis. A mesma discussão entre explicar e compreender atravessa essa teoria. Ricoeur cita vários autores. Alguns da vertente do compreender, são historiadores antipositivistas e submetidos à influência da sociologia compreensiva alemã; defendem que o método histórico se apoia sobre ações humanas regidas por motivos que devem ser compreendidos tal como se compreende ao outro, envolvendo uma necessária autoimplicação do historiador e sua subjetividade. Outros, como o historiador inglês Collingwood, numa linguagem equivalente, dizem que a história contém um dentro (pensamentos expressos), e um fora (os próprios feitos no mundo) e a ação é a unidade dessas duas partes e a história, por sua vez, consiste em reativar e repensar o pensamento passado no presente do historiador. Entretanto, necessita-se introduzir aqui a noção de mediação para que se possa reconstruir o encadeamento dos antecedentes segundo articulações distintas de motivos e razões alegadas pelos atores da história. Trata-se de elucidar epistemologicamente como a explicação se superpõe ou substitui a compreensão imediata da história passada.

Como decorrência, na vertente do explicar, Ricoeur cita Hempel e sua tese de que a explicação histórica segue o mesmo esquema da explicação de um fato físico, isto é, implica dois tipos de premissas, a primeira como descrição de condições iniciais e a segunda como enunciação de regularidades (leis gerais). A insuficiência científica da história tem a ver com a insuficiência das leis gerais alegadas e admitidas tacitamente. Mas o próprio Hempel reconhece que este modelo aplicado à história não cumpre satisfatoriamente seu objetivo, uma vez que tais explicações não passam de esboços explicativos, pois, entre outras coisas, não tem valor de predição e as generalizações podem ser eliminadas por contra-exemplos. Assim, se trata de retomar o problema em uma nova perspectiva e de rearticular dialeticamente compreensão e explicação, como já referido.

## 5 À GUIA DE CONCLUSÃO PROVISÓRIA

Em suma, “a história combina a teoria do texto com a teoria da ação em uma teoria da narração verdadeira das ações dos homens do passado.” (RICOEUR. 1986, p. 180). Consequentemente, Ricoeur apresenta uma dupla conclusão.

Em primeiro lugar, desde um ponto de vista epistemológico não há dois métodos, um explicativo e outro compreensivo. Somente a explicação pode ser considerada metódica, sendo a compreensão um momento que se compõe com ela, a precede, acompanha, fecha e a envolve. Assim há um laço dialético entre ambas e a explicação desenvolve analiticamente a compreensão. Contudo há uma descontinuidade entre os dois campos do saber que se mostra quando a compreensão aporta um componente específico como a leitura dos signos (na teoria do texto), das intenciones e razões (na teoria da ação), o da capacidade de seguir uma narração (na teoria da história).

Em segundo lugar, observa-se como a palavra compreensão tem uma densidade muito forte que significa a pertença ontológica ao ser que precede toda oposição de um sujeito a um objeto. Tal densidade constitui o índice propriamente verdadeiro dessa pertença. Mas a filosofia não pode constituir um reino do compreender puro sob pena de uma nova queda na dicotomia. A filosofia, conforme Ricoeur, não tem apenas a função de dar conta, de um discurso diverso do científico, da relação primordial de pertença entre o ser que o ser humano é qualquer região do saber que tal ou qual ciência elabore como objeto por procedimentos metodológicos apropriados. A filosofia deve ser capaz, no plano epistemológico de dar conta do distanciamento necessário que essa pertença exige para pôr em prática a objetivação exigida pela ciência.

## REFERÊNCIAS

- RICOEUR, Paul, **Du texte à L`action, Essais d`herméneutique II**, Paris, Éditions du Seuil, 1986.
- RICOEUR, Paul, **Le conflit des interprétations, Essais d`herméneutique**, Paris, Éditions du Seuil, 1969.
- RICOEUR, Paul, *Expliquer et comprendre* in Du texte à l`action - **Essais d`herméneutique**, II, Paris, Seuil, 1986, p. 180
- RICOEUR, Paul, **Mimesis, référence et refiguration dans Temps et Récit**, in Études Phénoménologiques n° 11, 1990, pp. 29-40
- RICOEUR, Paul, **Philosophie de la volonté I, Le volontaire et l`involontaire**, Paris, Aubier, 1950, 1988.
- RICOEUR, Paul, **Philosophie de la volonté II, Finitude et culpabilité**, Paris, Aubier, 1960, 1988.
- RICOEUR, Paul, **Temps et Récit**, Tome I, Paris, Éditions du Seuil, 1983
- RICOEUR, Paul, **Temps et Récit**, Tome III, Paris, Éditions du Seuil, 1985